

DETERMINAÇÃO DO MELHOR INTERVALO ENTRE SEMEADURAS CONSECUTIVAS DO TOMATEIRO PARA UMA PRODUÇÃO COMERCIAL CONSTANTE

LINCOLN F. ZICA

Escola de Agronomia e Veterinária, UFGO

ALBERTO J. CENTENO

Instituto de Ciências Biológicas, UFGO

INTRODUÇÃO

Atualmente, devido às novas exigências do Banco Central (Circular n. 8) para concessão de crédito sob assistência técnica, torna-se necessário que o agricultor apresente planejamento de produção. Logicamente, para efetuar o planejamento é necessário que se conheça a curva de produção da cultura em foco, para estabelecer o "quantum" de produção a ser lançado periodicamente no mercado. Com esta intenção foi montado um experimento que forneceu dados que permitem estabelecer data em que deve ser feito novo plantio, para que o início da nova produção coincida com o declínio da anterior, mantendo a colheita em nível constante.

Uma das culturas olerícolas de maior importância econômica no Brasil é o tomate. Como em Goiás já há um bom incentivo para produção de tomate, dado o mercado consumidor crescente, tornam-se cada vez mais necessários dados sobre esta cultura a fim de que se possam fazer projetos para os quais se pretendam financiamentos bancários. Contudo, são escassas essas informações na literatura, para a região de Goiás.

Em rápida revisão bibliográfica, encontramos recomendações de que as sementeiras de tomate sejam feitas mensalmente (COUTO, 1968) para a região Centro-Leste de Minas Gerais, onde o sistema é de transplante, com anterior repicagem.

Tendo o Instituto de Ciências Biológicas e a Escola de Agronomia e Veterinária da Universidade Federal de Goiás realizado outros projetos para estudo do tomateiro (CENTENO et al., 1969) o presente experimento surge como decorrência da nossa linha de trabalho.

MATERIAL E MÉTODOS

O experimento foi instalado na horta da Escola de Agronomia, no município de Goiânia. A variedade usada foi a Santa Cruz, à qual pertencem cerca de 70% dos tomateiros plantados na região (SONNENBERG, 1969) e tem valor comercial de 20-25% superior as demais (KIYOHARA, 1965).

A análise química do solo realizada pelo Departamento de Química da E. A. V. sob o n. 447, revelou os seguintes teores:

Quadro I — Resultados da análise química

Determinações	Teores	Intérpretações dos teores
1. pH	5,5	Solo mediantemente ácido
2. Ca+Mg (me/100g)	4,0	Teor médio
3. PO ₄ (me/100g)	0,056	Teor baixo
4. K ⁺ (me/100g)	0,100	Teor baixo
5. AL (me/100g)	—	Não existe

A análise física também feita pelo citado Departamento mostrou os seguintes resultados:

Quadro II — Resultados da análise física

Determinações				
Umidade	Perda ao Rubro	Areia	Limo	Argila
%	%	%	%	%
1,3	9,1	21,2	51,5	27,3

Utilizou-se a seguinte adubação:

Estêrco de galinha 10 t/ha

Sulfato de amônio 1.650 kg/ha

Superfosfato simples 1.850 kg/ha

Cloreto de potássio 500 kg/ha

O estêrco de galinha foi aplicado, juntamente com o fósforo, o potássio e um terço do azoto, no sulco de plantio, sendo os adubos, então misturados com a terra do sulco. Adotou-se o espaçamento de 1,0m entre as fileiras por 0,5m entre as plantas na fileira.

A irrigação foi feita por infiltração, inicialmente nos sulcos de plantio, com uma declividade de cerca de 0,3%, e depois da amon-ta passou a ser feita lateralmente às fileiras. Aos 15 e 30 dias após o transplante, o tomatal recebeu uma cobertura com sulfato de amônio de 550 kg/ha, cada vez.

O tomatal era constituído de 200 pés de tomate. Os frutos foram colhidos de 3 em 3 dias sendo imediatamente contados e pesados, operação esta feita individualmente por pés. Não houve classificação comercial, portanto, todo o fruto sadio, independentemente de seu tamanho, foi contado e pesado. Do início ao fim da cultura foram realizadas 13 colheitas.

Após a colheita foram sorteados 3 grupos contendo 32 plantas cada, dando um total de 96 pés, sobre os quais foram feitos os cálculos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos estão representados grãficamente na fig. 1, onde aparecem transformados em quilogramas por 1.000 pés.

O período de colheita foi de 37 dias. Este tempo, também, foi encontrado por FILGUEIRAS (1969) para a nossa região. Verificamos, também, que o vigésimo quinto dia após o início da colheita foi o que apresentou a maior produção; no 37º. dia, que foi o último, a produção caiu ao nível daquela apresentada no 13º. dia, isto é, 43% da colheita máxima (25º. dia).

Por tentativa fizemos várias superposições de "curvas de produção" com a finalidade de obter uma estabilidade na oferta do produto. Dêste estudo resultou que a superposição de uma "curva de produção" a partir do 19º. dia da curva anterior, fornece uma melhor estabilidade de produção (fig. 2).

CONCLUSÕES

Nossos resultados mostraram que:

a) o dia de maior produção é o 25º. dia após o início da colheita;

b) de acordo com a superposição de gráficos de "curva de produção" para se ter uma produção constante de tomate "Santa Cruz", sem tratos culturais especiais, na região de Goiânia, deve-se fazer semeaduras com intervalos de 19 dias.

RESUMO

Tendo em vista que o Banco Central exige planejamento técnico para financiamentos rurais, realizamos o presente trabalho com o fim de obter por meio de "curvas de produção" um intervalo de semeadura de tomate que permita volume de produção constante.

Concluiu-se que as semeaduras devem ser feitas com intervalos de 19 dias, e que a maior produção se dá no 25º. dia após o início da colheita, quando não se utilizam de tratos culturais especiais.

BIBLIOGRAFIA

- CENTENO, A. J., F. L. KRATZ, E. M. ARRUDA & H. R. PEREIRA, 1969 — Programa de seleção do tomateiro com utilização de radiações ionizantes. **Anais do XX Congresso Nacional de Botânica, Goiânia**, 55-60.
- COUTO, F. A. A., 1968 — Vamos ter a nossa horta. **Mundo Agrícola**, fevereiro, 20-27.
- KIYOHARA, S., 1965-66 — Tomate o ano todo no Sul. **Guia Rural** 1: 226-230.
- FILGUEIRAS, F., 1965 — **Guia do tomaticultor**. Boletim da Acar, Goiás, 17 p.
- STEVERSON, E. C., 1961 — **Melhoramento do tomateiro**. Publicação da UREMG, Viçosa (mimeografado), 57 p.
- SONNENBERG, P. E., 1969 — **Cultura do tomateiro**. Apostila da EAV-UFGo (mimeografado), 12 p.

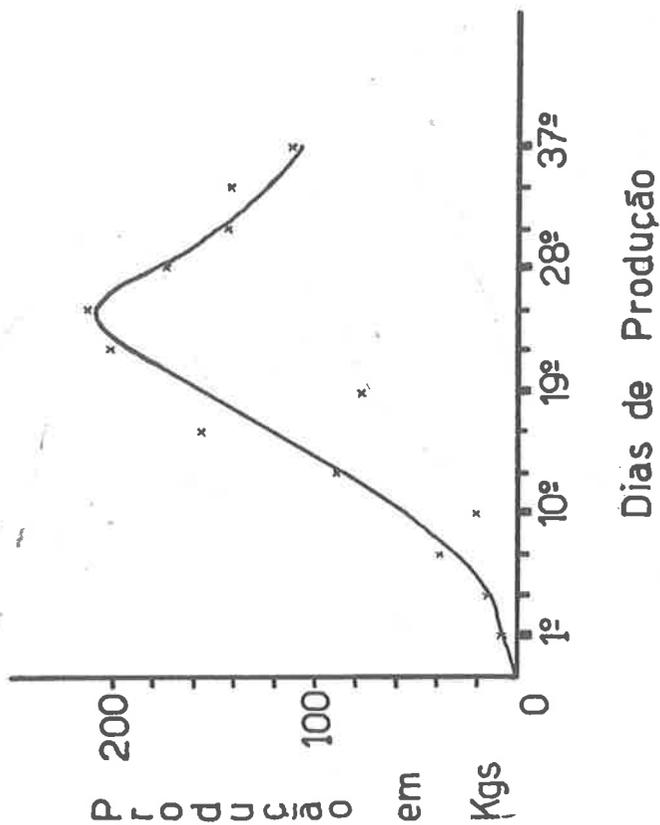


Fig. 1 — "Curva de produção" de um tomateiro na região de Goiânia

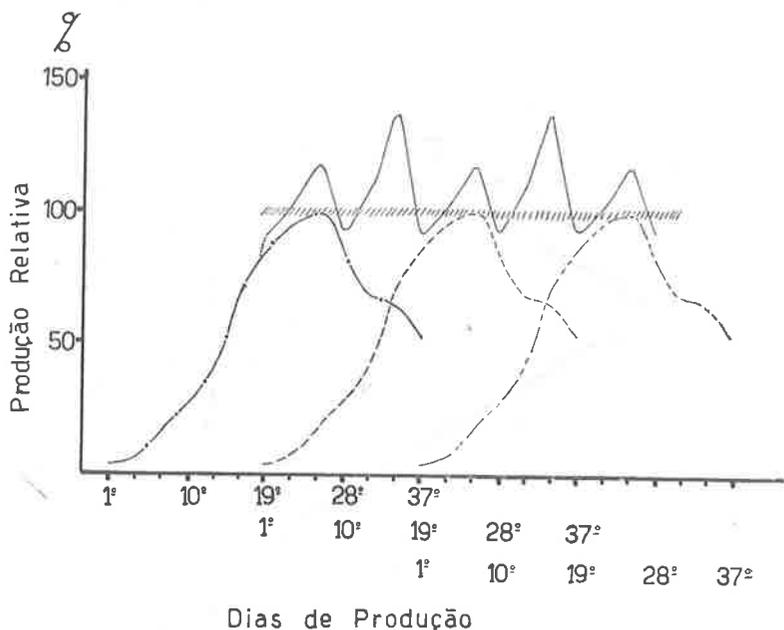


Figura 2 — Curvas de produção de tomate superpostas. Na abscissa — dias de produção, a partir da 1ª. colheita de cada curva de produção; na ordenada — Produção Relativa tomando como 100% a produção do 25º. dia de uma curva simples. A linha superior contínua equivale a soma das produções superpostas e a barra achuriada o volume de produção que se pretende manter